

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno global no desenvolvimento, uma alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo.

Abordar este tema é de fundamental importância visto que o desempenho da criança com autismo depende da motivação dos profissionais professores parceria com a família. Trata-se da busca por “anunciar” que essas crianças podem interagir/conviver em sociedade. Muitas são ações que podem ser realizadas pelo autista e a principal é acreditar que ele tem potencial para aprender.

O professor precisa fazer com que o autista se sinta á vontade com as outras crianças, apesar de todas as dificuldades. Porém sabe-se que algumas escolas não possuem profissionais habilitados para trabalhar com os alunos com este tipo de transtorno global de desenvolvimento, realizando muitas vezes um trabalho improvisado. A inclusão escolar tem como objetivo inserir, sem distinção, todas as crianças e adolescentes com variados graus de comprometimento social e cognitivo. É importante mencionar que qualquer proposta de educação inclusiva para crianças com autismo deverá ser feita dentro de escolas regulares, com objetivo de cessar os preconceitos e o isolamento social do autista, possibilitando a aquisição de novas habilidades, uma vez que um dos principais marcadores desse transtorno é o déficit na interação social.

O motivo do estudo sobre a inclusão de autistas é investigação cercada das escolas públicas e privadas e de que modo elas respondem as necessidades desses sujeitos levando em conta suas especificidades, proporcionando uma inclusão efetiva para além de uma integração escolar apenas.

Tomamos a obra de Vygotsky como referencial teórico no trabalho com autistas. A perspectiva sócio histórica Vygotskiana é de suma importância, pois aborda as interações sociais como “meios” que permitem os processos de socialização, constituição identitária e apropriação de cultura. Tudo depende

de como são tecidas as relações neste ambiente. A aprendizagem tem grande importância no desenvolvimento da criança, mas antes da construção da aprendizagem temos que analisar o desenvolvimento da criança no ambiente que ela está inserida.

O tema escolhido é um assunto bastante complexo e ao mesmo tempo desafiador. As dificuldades encontradas por essas crianças em relação à comunicação e interação afetam globalmente o seu desenvolvimento e assim a sua vida em sociedade. O curso de Pedagogia fez uma prévia introdução sobre a educação inclusiva para crianças autistas, esse assunto nos provocou o interesse em pesquisar métodos para o processo de ensino aprendizagem para com esses sujeitos.

Trabalhar com criança autista compreende alguns desafios, principalmente dificuldade de expressão desses sujeitos. Entendemos que Acreditar no potencial do autista é essencial para trabalho inclusivo.

Para o professor, as primeiras reações autísticas podem provocar um sentimento de incompetência sendo necessário compreendê-los, para posteriormente ajudá-los. Além disso, essa relação nos instiga a avaliar nossas metodologias e nossa criatividade, auxiliando os autistas a aproximarem-se do mundo dos significados e das relações humanamente significativas que as outras crianças sem transtornos do desenvolvimento possuem. Que meios podemos usar para ajudá-las a comunicar-se para atrair sua atenção e interesse pelo mundo das pessoas, para retirá-la de seu mundo ritualizado, inflexível, fechado em si mesmo?

Inserir e incluir o autista não basta apenas conhecer e aplicar determinadas técnicas é necessária a compreensão do que consiste ser um autista. Segundo Orrú (2010), também numa perspectiva sócio histórico, a formação do indivíduo não é determinada somente por fatores internos. Dessa maneira, a pessoa autista não se desenvolve somente por fatores biológicos, mas sim como um sujeito social que se constrói nas relações sociais, a partir de mediações com o meio onde vive.

2 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA E CARACTERIZAÇÃO DO TRANSTORNO AUTÍSTICO

Autismo palavra originada do Grego *autos*, que dizer em si mesmo. O autismo é uma disfunção do desenvolvimento humano, cujos distúrbios costumam aparecer antes dos 3 (três) anos de idade e os sintomas estão geralmente relacionados às dificuldades desses indivíduos de comunicação e de interação com os outros e com o ambiente vivido.

A dificuldade de interação, socialização e aprendizagem geralmente presentes no sujeito com Autismo, acarreta o surgimento de dúvidas em grande parte das instituições de ensino e profissionais da educação. Emergem questionamentos sobre o que fazer, e como fazer para intermediar os processos de ensino e aprendizagem do estudante com transtorno autístico.

A primeira descrição clínica do autismo infantil foi realizada pelo pediatra Leo Kanner, em 1943, baseado nas observações feitas com um grupo de doze crianças que demonstravam os mesmos sintomas de difícil socialização e uma obsessiva preservação da rotina (KANNER ,1943).

Estudos comprovam que este transtorno pode atingir a qualquer indivíduo, independentemente de sua classe social, cultural, raça ou etnia. O autismo é uma síndrome que vem se tornando cada vez mais comum na atualidade. No entanto, dificilmente esta síndrome é identificada antes dos três anos, pois os sintomas não são claros antes desta época, os sintomas são geralmente caracterizados por: ausência de fala, intolerância a sons, dificuldade de se socializar (Bosa,2002).

Segundo Bosa (2002), após o diagnóstico do transtorno autístico é necessário que o processo de tratamento seja logo inserido no cotidiano da criança, considerando as características individuais de cada sujeito bem como suas necessidades específicas. Em alguns casos medicamentos são inseridos ao

tratamento, em outros não possui efeito algum sendo prejudicial no desenvolvimento da criança. É necessário também um acompanhamento e tratamento especializado com a família, pois os sintomas que a criança desenvolve através deste transtorno podem desestruturar psicologicamente os membros familiares.

De acordo com a Classificação Internacional de Doença (CID), o autismo é um transtorno global do desenvolvimento (TGD) e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). Acompanha várias manifestações comuns do transtorno como: birra ou auto agressividade, fobias, perturbação do sono ou alimentação. Apresentando-se em estado puro ou associado a outras patologias, Conforme versão brasileiro:

[...] descreve oito tipos de TGD: Autismo Infantil, Autismo Atípico, Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno com Hipercinesia associada a Retardo Mental e Movimentos Estereotipados, Síndrome de Asperger, Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento, Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outras Especificações. (CID-10 1993 p 37)

São raras as mudanças que ocorrem com o indivíduo autista após o seu crescimento e desenvolvimento. Normalmente crianças diagnosticadas como autistas, mantêm-se com a síndrome durante todas as fases da vida. Sendo assim de acordo com as intervenções educacionais e terapêuticas recebidos, o indivíduo com autismo pode ou não agravar seus sintomas, podendo alterar seu comportamento, inabilidades de interação social, aumento no distúrbio da fala e de comunicação, comportamento estereotipados entre outros. Baptista e Bosa (2002) argumentam que:

[...] A conclusão que emerge dessa reflexão é que existe um comprometimento precoce que afeta o desenvolvimento como um processo e, conseqüentemente, a personalidade (por meio da interação entre o self e as experiências como o ambiente, que possibilita o desenvolvimento das noções de si, do outro e do mundo ao seu redor), seja a síndrome do autismo classificada como psicose ou como transtorno d desenvolvimento. Na verdade, existe a falta de um modelo teórico suficientemente abrangente para dar conta das diferenças entre duas formas desclassificação. [...] O que vale a pensa ressaltar é que seja qual for o sistema desclassificação ou a abordagem teórica adotada, a noção de que crianças com autismo apresentam déficits no relacionamento interpessoal, na linguagem /

comunicação, na capacidade simbólica e, ainda, comportamento estereotipado (atentando-se para as diferenças individuais), não tem sido desafiada (BAPTISTA; BOSA, 2002, p. 30).

Vygotsky (1994) enfatiza que as diferenças encontradas nos mais diversos ambientes sociais da criança promovem variedade de aprendizagem e as relações interpessoais são essenciais para o processo de desenvolvimento. Neste sentido, os estudantes que apresentam autismo têm suas próprias maneiras de adquirir aprendizagem e conquistas no mundo em que vive, apesar de muitas vezes incompreensível. Logo, o modo como são estabelecidas as relações sociais sejam elas no contexto escolar ou familiar, irão influenciar de forma direta na formação e constituição da criança com autismo. Vale ressaltar que este sujeito tem direito à educação, de frequentar um ambiente escolar regular e de interagir com outro.

[...] todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p 52)

Sendo assim, para que estes estudantes obtenham sucesso em seu processo de escolarização é necessário que as mediações pedagógicas atendam às suas especificidades para que o mesmo não seja somente integrado mais também incluso no ensino regular. Amy (2001) afirma que:

[...] somente um método não é o bastante, mas sim a mistura entre eles, poder adaptar ao que é necessário no tempo certo e saber que assim poderemos estar contribuindo com o desenvolvimento da criança autista, objetivo maior para a socialização (AMY, 2001, p. 19).

Desta forma é necessário que os professores atuantes no ensino regular e em contato com a criança autista possuam uma formação específica para além de aprimorar suas habilidades, receber e atender com metodologias específicas de aprendizagem a este aluno, realizando um trabalho de qualidade.

Segundo Vygotsky (2003), Devemos levar em consideração toda a maestria que o transtorno do autismo proporciona para que os mesmo desempenhem

tarefas que muitas vezes um de nós não conseguiria. Muitas dessas crianças possuem várias habilidades e talentos inexplicáveis, e a partir deste diagnóstico, identificação e observação de cada indivíduo, os métodos corretos de aprendizagem podem ser aplicados, desfrutando dessas habilidades. Vygotsky contribuiu com o contexto histórico-cultural que traz o professor como mediador o qual deve buscar incluir o aluno com autismo ao contexto social inserido, trabalhando a comunicação e a aceitação possibilitando que ele se torne um sujeito ativo, crítico e reflexivo.

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos. Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, p. 5).

Sendo assim é necessário avaliar todos os pontos fracos e fortes do aluno autista, para que possa ser tirado como proveito suas habilidades, e transformar seu ambiente de aprendizagem, com novidades e atrativos do seu interesse. Segundo Silva (2012), com o tempo a criança desenvolve seus próprios instrumentos para manter relações e aprendizagem, se tornando cada vez mais hábil socialmente.

3. A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: ASPECTOS EDUCACIONAIS E LEGISLATIVOS

A inclusão traz um admirar para mudança, para adequação e antigos hábitos e isso faz enxergarmos criticamente nós mesmos e a escola em que atuamos. Devemos alterar a realidade da escola, para que possamos lidar com as desigualdades, com as diferenças e que isso se torne uma conquista na busca por uma sociedade mais humana mais democrática e com oportunidades para todos.

A Declaração de Salamanca, documento elaborado após encontro ocorrido na Espanha, influenciou substancialmente as políticas públicas brasileiras em prol das pessoas com necessidades educacionais especiais. Pela Declaração foi estabelecida uma educação institucionalizada, e a educação especial passou a dar espaço à Educação Inclusiva.

Segundo Carvalho (1997) o documento de Salamanca reforçou os princípios mundiais acerca da educação inclusiva:

[...] todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas [...] Crianças pertencentes a minorias linguísticas, etnias ou culturais [...] No contexto destas linhas de ação o termo 'necessidades educacionais especiais' refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades se originam em função dificuldades de aprendizagem [...] As escolas têm que encontrar a maneira de educar com êxito todas as crianças inclusive as que têm deficiências graves (CARVALHO, 1997, p. 56).

No que tange aos marcos legais brasileiros, a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96 - prevê a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em salas regulares de ensino, de acordo com o princípio da igualdade de direitos para todos, inclusive à educação.

A negação de matrículas para alunos com deficiências físicas, sensoriais ou intelectuais em qualquer escola, argumentando não estarem preparadas para receberem a criança especial é ato punível de acordo com a Lei nº 7.853/89:

[...] constitui delito punível com reclusão de 1(um) a 4 (quatro) anos, e pena: recusar, suspender, atrasar, cancelar ou fazer interromper, sem justa causa, a inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, por motivo derivados da deficiências que têm (inciso I, do artigo 8º, da Lei Federal nº 7853/89).

A proposta da educação inclusiva supõe que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais, cognitivas ou que apresentem transtornos severos de comportamento, preferencialmente sem defasagem idade e série. A escola, segundo essa proposta, deverá se adaptar para estar atendendo às necessidades destes alunos inseridos em classe regulares. Na maioria dos casos, as escolas acabam não favorecendo a educação inclusiva, pois é mais confortável considerar a homogeneidade do que a diferença entre os alunos. É necessário que os educadores assumam suas responsabilidades quanto à aprendizagem de todos os educandos, preparando-se para ensinar àqueles que são excluídos pela escola e sociedade.

A escola, como território institucional com diversidades culturais, sofre pressões para acompanhar os novos tempos e lidar melhor com a diversidade do público que deve atender. Pessoas com suas especificidades que, se não forem respeitadas, acolhidas e atendidas em suas diferenças, jamais farão da escola espaços ricos de formação e construção da cidadania e de uma sociedade mais justa.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva traz em termos claros o público-alvo da inclusão: pessoas com deficiência; pessoas com transtornos globais do desenvolvimento e pessoas com altas habilidades/superdotação. Nesse contexto, enquadra-se o autismo, como um transtorno global do desenvolvimento, caracterizado por alterações qualitativas nas interações sociais significativas.

Baptista e Bosa (2002), descrevendo a percepção dos professores sobre a inclusão de alunos autistas, alertam para as noções um tanto distorcidas sobre o que significa basicamente o termo autismo, assim como o trabalho com essas pessoas. Dessa maneira podemos destacar as seguintes dificuldades do trabalho com crianças autistas: dificuldades na compreensão da linguagem autista, dificuldades em compreender o significado dos rituais, ausência de domínio da agressividade expressa pelo aluno, sentimentos de insegurança por parte do educador, dúvidas com relação às práticas pedagógicas que deverão ser empregadas e a falta de uma estrutura devidamente preparada para lidar com esses alunos. Essa estrutura refere-se à utilização de materiais didáticos, recursos audiovisuais, publicações científicas, espaço físico e outros recursos que poderiam incrementar a qualidade do ensino. A maior dificuldade dos educadores, entretanto, seria com relação à identificação do aluno com autismo e também com a falta de preparo e especialização.

Coll (1995) propõe que o tratamento mais eficaz e universal do autismo é a educação. Esta atividade educativa tem, no final das contas os mesmos objetivos que tem em relação a todas as crianças: desenvolver ao máximo suas potencialidades e competências, favorecer um equilíbrio pessoal o mais harmonioso possível, fomentar o bem estar emocional e aproximar as crianças autistas do mundo humano de relações significativas.

No entanto, o professor não deve esquecer que nos casos de autismo, são sempre necessários modelos educacionais que permitam abordar estes objetivos, apesar das deficiências de interação, comunicação e linguagem e das importantes alterações da atenção e da conduta que seus alunos podem apresentar. Estes requerem, em geral, ambientes educacionais estruturados.

Além de ambientes estruturados as crianças autistas têm um maior aproveitamento, quando são educadas em grupos pequenos que possibilitem um planejamento bastante personalizado dos objetivos e procedimentos educacionais em um contexto de relação simples e, em grande parte bilaterais.

O ambiente deve facilitar a percepção e compreensão, por parte da criança de relações contínuas entre suas próprias condutas e as contingências do meio, ou seja, deve ser consistente em sua resposta às condutas. Além disso, o educador deve estabelecer de forma clara seus objetivos e métodos de registro.

Quanto ao ensinar, de acordo com Vygotsky (1994), é necessário um enfoque interacionista, que trata de compreender a atividade educacional como um processo de relação, de interação comunicativa, de envolver o aluno em experiências que lhes sejam significativas e promova uma atividade, realmente, assimiladora, e não somente uma aprendizagem passiva.

No contexto educacional percebe-se, que muitos professores que atuam no processo de escolarização junto às crianças com autismo, ainda demonstram insegurança devido ao desconhecimento desta síndrome. Por este motivo, é necessário que o educador repense a sua formação para que possa construir uma nova concepção de ensino aprendizagem na mediação pedagógica. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994):

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adotada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 28).

Ao iniciar o processo de ensino aprendizagem de um estudante com autismo é necessário que o professor utilize metodologias que promovam a autonomia da criança, direcione o tempo de cada uma, utilize métodos e materiais adaptados e forneça apoio em toda mediação pedagógica. Dessa maneira Cunha (2002) afirma que para oferecer a uma criança autista a vontade de aprender, é preciso entrar em sintonia com ela, inserindo o que seria adequado a sua forma de se expressar. Fazer o que ela está fazendo é um bom início para estabelecer uma comunicação criando uma sintonia para outras possibilidades.

Nota-se, também a necessidade dos profissionais envolvidos na área da educação trabalhar com ações motivadoras junto aos seus alunos com autista, tais como: proporcionar confiança e interesse através de um bom acolhimento, oferecer carinho, cuidado e atenção necessária, oportunizar um local de confiança para se expressar e interagir com o meio. Neste sentido, Silva (2012), nos diz que “[...] o professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área, com amor e dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança autista” (SILVA, 2012, p.114).

Para Mrech (1998), a escola inclusiva é um local onde todos os educandos têm as mesmas chances, onde as oportunidades, possibilidades educacionais e as características individuais estão marcadas pela igualdade entre as pessoas.

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos. Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA).

De acordo com Silva (2012) a pessoa autista sente necessidade de seguir uma rotina rigorosa em seu cotidiano, para que ele possa se encontrar mais tranquila em meio ao nosso mundo social que cheio de informação ele não consegue compreender e acompanhar. Sendo assim os primeiros métodos de aprendizagem a serem trabalhados com a criança autista é criar uma rotina escolar, para que ele se encontre mais à vontade nesse espaço e dali possa desenvolver sua aprendizagem. A autora propõe que o educador desenvolva este processo [...] intermediando este contato por meio de brincadeiras, jogos e atividades, o professor consegue incluir, verdadeiramente, essa criança no ambiente escolar. (SILVA, 2012, p.115.)

Outra situação que o professor deve também ficar atento diz respeito a pouca percepção que estes sujeitos têm da realidade, por isso é necessário que seja trabalhado o comportamento através de treinamento.

Outra maneira de desenvolver as ações pedagógicas pode ocorrer através de jogos previsíveis e de raciocínio lógico (do lúdico). A maioria das pessoas com autismo também se comunicam muito através dos desenhos e pinturas. No entanto, é importante que o interesse de cada pessoa seja pesquisado antes mesmo da mediação pedagógica, pois concordando com Silva (2012),

[...] procure saber quais são os maiores interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele se sinta mais estimulado a aprender, além de melhorar o vínculo entre o aluno e o professor. Sempre que possível utilize o máximo de material visual ou concreto, mostre figuras e gravuras no decorrer das explicações, e proporcione aos alunos vivências práticas, em que ele possa experimentar as coisas [...]. (Silva, 2012, p.117).

Para a autora, inicialmente as maiores dificuldades dos professores com alunos autistas em sala de aula regular refere-se à comunicação e compreensão da fala e dos sentimentos e vontade desse aluno. Sendo assim, ao se dirigir a criança, o professor deve se colocar a sua altura para estabelecer o contato visual (olho no olho). Assim, o educador pode despertá-lo e trazê-lo de volta a explicações e orientações, aumentando a chance que ele compreenda este processo. As perguntas devem ser diretas, claras, objetivas, com vocabulário simplificado. Porém, a formação do educador ocorre na prática e o principal instrumento é conhecer o aluno autista e suas peculiaridades e identificar através das observações diretas qual o grupo e quais as metodologias que melhor atenderá as individualidades de cada sujeito.

Conforme Nóvoa (1995),

A formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, conhecimentos ou técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p.25).

Portanto, é fundamental que o educador apresente uma base nos aspectos teóricos e práticos, de modo, que tenham uma formação básica centrada numa proposta inclusiva, para isso este profissional deve desenvolver atividades que conduzam à criança a construção do conhecimento, oferecendo diferentes possibilidades.

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

4.1 OBJETIVOS

4.1.1 Geral

Analisar o processo de inclusão de uma criança com autismo matriculada em uma escola regular da Grande Vitória.

4.1.2 Específicos

- Refletir sobre a interação do aluno autista no contexto escolar.
- Conhecer as estratégias que têm sido utilizadas na alfabetização da criança autista.
- Compreender, a partir dos agentes da educação, o que os mesmos conhecem acerca do transtorno autístico em que esse conhecimento tem contribuído para o planejamento de ações junto ao aluno.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

São sujeitos deste estudo: um aluno com idade de 10 anos, estudante com Asperger de uma escola privada em Vitória e uma professora (tutora) formada em Pedagogia à 3 anos.

Preservando a identidade dos sujeitos da pesquisa, usaremos nomes fictícios para representa-los. Para o aluno com Asperger utilizaremos o nome: Bruno. Chamaremos a professora de Vera.

4.3 LOCAL DE ESTUDO

O local de estudo é uma escola de ensino regular privada, localizada em um bairro nobre do município de Vitória. A fim de resguardar a privacidade dos colaboradores de nossa pesquisa, utilizaremos um nome fictício para representá-la: “Escola Castelo de Prata”.

A “Escola Castelo de Prata” não é referência para crianças com transtornos ou síndromes, dessa maneira os pais que tem filhos com algum desses casos e querem ter os filhos matriculados nessa escola é preciso pagar uma tutora para que fique com o aluno, ajudando-o nas tarefas pedagógicas e auxiliando na disciplina.

4.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Na escola “Castelo de Prata”, observamos todo o ambiente, sendo assim coletando dados sobre o comportamento do Bruno e a atuação dos profissionais envolvidos para o desenvolvimento do sujeito.

Identificamos que era de grande importância saber a opinião dos professores envolvidos nesse processo. Ouvimos as dificuldades de alguns professores em relação ao Bruno. Dificuldades que de certo modo ficou em evidencia, pois alguns desses profissionais mostraram que não sabem lidar com tal transtorno, além de não manifestarem qualquer tipo de vontade de saber lidar com o mesmo. Ficou claro que Bruno tem a necessidade de ter a Vera como sua tutora, pois ela ajuda em seu desenvolvimento e na socialização com os demais colegas.

Essa pesquisa é de natureza qualitativa, pois visa compreender como se dá o processo de escolarização de um estudante com autismo em uma instituição

de ensino (regular), bem como analisar como os profissionais da educação estão desenvolvendo as mediações pedagógicas junto às crianças autistas. A pesquisa qualitativa “supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intenso de campo” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11).

O tipo da pesquisa tem caráter empírico e teórico, pois irá ser feito um levantamento sobre a teoria e as propostas educacionais dos autores os quais escolhemos para basearmos o nosso trabalho, e em seguida às visitas feitas às escolas iremos identificar o que está realmente acontecendo na prática.

A valorização desse tipo de pesquisa é pela "possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural". O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática (DEMO 1994, p. 37)

A coleta de dados ocorreu por meio de observações de tudo o que ocorria no dia a dia do aluno, anotações das mesmas e entrevistas com os participantes desse processo de ensino- aprendizagem. Essas observações foram feitas a fim de compreender melhor o aluno com autismo e as mediações feitas em seu processo de ensino aprendizagem

Abordamos um questionário de perguntas elaboradas a partir de um roteiro, com o desejo de saber o que a professora (tutora) pensa em relação ao transtorno em estudo, o que ela faz para o melhor desenvolvimento de Bruno e como ela lida com as dificuldades do aluno na escola. Procuramos fazer com que a mesma se envolvesse e refletisse sobre sua pratica e sobre as práticas dos professores regulares que trabalham dando aula no 4º ano do ensino fundamental para o Bruno.

Após optarmos pelo questionário para levantamento de dados, informamos ao sujeito da pesquisa (tutora e ao Bruno) sobre os objetivos do trabalho. Dessa maneira, pedimos que Vera assinasse ao termo de consentimento, dando assim autorização para usarmos suas falas em nossa pesquisa. Os

questionários foram feitos com o intuito de buscar respostas às perguntas que ainda não estavam através das observações feitas durante todo o período, fazendo assim uma reflexão de como a escola junto com os profissionais da educação podem colaborar para o processo de desenvolvimento dos alunos com esse transtorno, galgando assim por uma educação inclusiva.

5 OS SUJEITOS DA PESQUISA: IMPRESSÕES E OBSERVAÇÕES NO COTIDIANO DA ESCOLA

Diante das observações e pesquisas feitas no cotidiano escolar para a elaboração da pesquisa, colocaremos a partir desse capítulo todas as nossas reflexões extraídas e captadas sobre os sujeitos observados durante todo o processo de estudo na escola.

5.1 O QUE BRUNO NOS REVELA

Bruno é aluno do 4º ano do ensino fundamental, da escola Castelo de Prata, ele estuda no turno vespertino. Bruno frequenta essa escola desde o ano de 2012, morava em Minas Gerais antes de vir para Vitória ES. Em Minas Gerais frequentava a mesma rede de ensino atual. É filho de pais separados, vive com o pai, uma babá, a cozinheira e uma faxineira. Sua família tem boas condições financeiras. O aluno sempre teve acompanhamento especializado desde os 4 anos de idade com psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas e agora com a professora (tutora) que o acompanha dentro das dependências da escola.

Bruno quando chegou na escola Castelo de Prata mostrou dificuldades para se socializar com os demais colegas, mas sempre demonstrando muita curiosidade em conhecê-los, ainda sim tinha muitas dificuldades de socialização. Sua coordenação motora é bastante afetada, seu andar é desajeitado sempre esbarra em algo, e por isso sempre aparece com algum hematoma.

Em sala de aula apresenta sempre indisposição, dessa maneira Vera sempre “da uma volta” com ele na escola depois volta para sala novamente.

Na maioria das vezes na aula de matemática, é necessária muita insistência para que Bruno copie a matéria, pois sempre diz que já sabe, e que, portanto, não precisa copiar nada.

O aluno mostra melhor desempenho nas aulas de matemática mesmo não copiando as matérias no caderno, costuma responder de maneira correta e quando erra fica muito irritado.

Nas aulas de português Bruno mostra pouco interesse prefere ler gibis da turma da Mônica. A professora de português sempre adapta as avaliações com tirinhas da turma da Mônica para ele.

Nas aulas de História, Geografia e Ciências o aluno sempre fica disperso, não mostrando interesse algum. Bruno não tem participação contínua nas aulas de línguas estrangeiras, pois tem um pouco de dificuldade na fala, por isso faz tratamento com Fonoaudiólogos.

Nas Aulas de educação física sempre quer fornecer algum tipo de opinião para a realização das brincadeiras. Bruno gosta muito de brincar de piques, mas apresenta dificuldades para correr, dessa maneira, começa a brincadeira e logo em seguida senta. Nas brincadeiras de bolas o aluno não tem habilidades e mostra pouco reflexo quando a bola vem para perto dele, mesmo assim ele sempre participa das aulas de educação física.

5.2 O QUE VERA NOS REVELA

Vera é formada em Pedagogia, pós-graduada em recursos humanos, e tem cursos na área de Educação Especial para colaborar com o desenvolvimento do Bruno. Começou a trabalhar na área da educação a 2 anos como tutora do Bruno, antes trabalhava na empresa do pai dele.

Durante toda a observação notamos muita preocupação com o desenvolvimento do aluno e um cuidado muito grande com ele. Mesmo Vera sendo tutora ela sempre se mostra preocupada com as atividades e sempre realiza trabalhos fora da escola para melhorar seu desenvolvimento na escola, além de sempre o ajudar na socialização com os colegas.

Mesmo não tendo total conhecimento do transtorno, Vera percebe as características peculiares do aluno com Asperger e sempre procura desenvolver métodos específicos para o progresso do aluno.

Vera destaca as dificuldades que encontrou para ajudar na adaptação de Bruno na escola Castelo de Prata, pois Bruno vinha de outro estado, Minas Gerais, porém continuava na mesma rede de ensino, mas com tudo novo.

Bruno chegou à escola sem interesse nenhum, demonstrando bloqueio para novas experiências (fala da Vera, tutora).

Antes de Bruno começar a frequentar a nova escola, Vera passou a conviver com ele dois meses antes, observando toda sua rotina, pedido esse feito pela psicopedagoga que orienta o Bruno.

Antes de Vera conviver com Bruno, a psicopedagoga a orientou a fazer cursos na área de educação especial para poder compreender melhor alguns aspectos para assim estar colaborando com o desenvolvimento do Bruno.

Assim que Vera começou a conviver com Bruno, percebeu muita dificuldade com ele, dificuldades essas relacionadas à nova rotina de vida, casa nova, antes vivia com a mãe e o pai, hoje vive só com o pai. Ele não se expressava, ficava pensativo em um canto, não queria conversar. Quando Vera tentava se aproximar, ele sempre se afastava ou se caso ela fizesse algo que não gostava, ele puxava o cabelo dela e mandava-a sair. Com o tempo ele foi se aproximando, pois via ela todos os dias. Vera conseguiu ter o diálogo com ele através de jogos eletrônicos, pois ele a começou a chamar para jogar junto a ele. Dessa maneira Bruno começou a aceitar a presença dela durante esses dois meses de convívio antes de começar a frequentar a nova escola.

Bruno durante essa nova rotina de vida começou a sentir falta da sua mãe, com isso começou a demonstrar muita irritação com tudo, não tinha paciência com nada, gritava muito com todos, fazia birra, agredia as funcionárias da sua casa, mordida a si próprio.

Diversas vezes durante essa adaptação fiquei com um pouco de medo, pois não sabia o que fazer às vezes me faltava paciência, e na hora dava vontade de sumir da casa dele, desistir. Mas no fundo estava me sentindo desafiada com aquela situação, por isso não abri mão por diversas vezes (fala da Vera, tutora).

Devido a esse comportamento Bruno já teve mais de nove babás, poucas tem o devido conhecimento sobre o transtorno ou não tem nenhum, com isso muitas acham que esse comportamento dele é falta de uma boa educação ou muito mimo.

Bruno desde os quatro anos de idade (quando foi diagnosticado com Asperger), tem o acompanhamento com especialistas (Fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagoga e um neurologista) .Todos esse são contratados pelo pai de Bruno que é pediatra . Por ter uma boa condição financeira o pai de Bruno investe em tudo para ver o filho progredir em relação ao transtorno autístico. Após a separação Bruno não viu mais sua mãe. No início sentia muita falta dela, mas com o tempo foi se adaptando.

No início, ele ficava gritando pela mãe o tempo todo, ficava na porta sentado esperando que ela chegasse, partia meu coração (fala da Vera, Tutora).

Após esses dois meses de adaptação, Vera começou a frequentar como Tutora do Bruno a escola Castelo de Prata. A escola Castelo de Prata não tem professores especializados em educação especial, sendo assim as crianças que apresentam qualquer tipo de transtorno ou síndrome é necessário que os pais estejam pagando uma tutora para o acompanhamento do aluno dentro do ambiente escolar, caso contrário não se pode fazer a matrícula do aluno devido a falta de professores capacitados ao atendimento desses alunos. Na escola só tem o Bruno com Asperger e outra aluna com Síndrome de Down também acompanhada por uma tutora, como alunos com necessidades educacionais especiais.

Vera destacou que a escola tem um ensino ótimo e está entre uma das melhores escolas do estado, professores capacitados, porém no que tange aos professores capacitados para a educação especial, a escola deixa a desejar.

Uma das maiores necessidades do aluno é a falta de um profissional especialista em educação especial, pois a instituição não trabalha com especialistas, e sim com uma tutora que auxilia a criança em suas atividades (fala da Vera, Tutora).

Existem algumas escolas em Vitória que oferecem profissionais especializados em educação especial, porém o pai do Bruno prefere manter ele na Escola Castelo de Prata porque é a escola mais próxima da sua residência. Por isso decidiu mantê-lo, além disso, já faz dois anos que ele estuda nessa escola, então já existe a adaptação com todo o ambiente escolar, alunos e professores. E a escola já sabe das necessidades do aluno.

A escola vem contribuindo, oferecendo um ensino de qualidade, respeitando a capacidade do aluno, proporcionando assim atividades diversificadas (fala da Vera, Tutora).

A escola contribui oferecendo atividades diversificadas, atividades adaptadas para o aluno em questão. Bruno é ótimo em desenhos, e na utilização de computadores e sempre se fixa em um assunto específico. Dessa maneira a escola usa esses métodos para motivá-lo aos trabalhos da escola. Na matemática o professor usa métodos visuais concretos para estimular e ensinar conceitos numéricos. O aluno acha mais fácil ler letras impressas na cor preta sobre papel colorido, para diminuir o contraste. Todos os seus exercícios são feitos dessa maneira, com letras grandes para melhor entendimento.

Desde quando entrou na escola Castelo de Prata o aluno teve grande progresso no, comportamento social e cognitivo.

O aluno teve bons progressos, para isso foram feitas algumas alterações como; Atividades de acordo com o seu nível de aprendizagem. Tarefas com diversas imagens e cores, textos bem reduzidos. Essas mudanças foram feitas para que o mesmo pudesse entender e compreender as atividades propostas (fala da Vera, Tutora).

Mesmo não tendo especialistas na educação especial a escola sempre oferece novas propostas aos professores para estarem auxiliando no desenvolvimento do aluno, porém existem professores que passam os exercícios adaptados, mas não se preocupam com o desenvolvimento, acabam se acomodando por existir a Tutora e acham que ela é totalmente responsável pelo aprendizado do aluno. De certo modo Vera acredita que isso ocorre por eles não terem a necessária capacitação para poder lidar com esse transtorno e o pior é que alguns deles nem se preocupam, só fazem o trabalho de entregar o exercício na mão dela para poder passar para Bruno.

O pai do Bruno sabe disso, porém se mantém neutro, pois confia muito no trabalho da Vera e na participação da escola no progresso do aluno.

O pai do aluno é muito participativo em relação ao desenvolvimento do filho, participa de todas as reuniões e dias especiais como; festa junina, dia da família e das feiras de ciências.

A família do aluno (pai) é bem participativa, com relação ao processo de aprendizagem, o aluno possui uma equipe pedagógica para tê-lo (fala da Vera, tutora).

Bruno participa de tudo, hoje em dia ele é muito comunicativo conversa com todos, tem uma grande capacidade de memorizar os nomes dos alunos e até mesmo dos funcionários. Ele é muito simpático, só fica nervoso se sua rotina for mudada, barulhos ou quando fica muito tempo dentro da sala de aula, por esse motivo Vera sempre anda pela escola para ele “espairecer a mente”.

No que tange o planejamento da ação pedagógica e o currículo escolar do aluno, quem faz são os professores junto às coordenadoras pedagógicas. Adaptam os conteúdos estudados no 4º ano para o aluno em questão, as matérias são reduzidas e as letras são ampliadas, dessa maneira utilizam imagens e cores para chamar a atenção assim obtendo maior curiosidade e estímulo do aluno para poder fazer o que é proposto. As atividades são feitas todas em sala de aula junto aos demais colegas. Quando Bruno apresenta agitação Vera faz os exercícios em uma sala reservada, sendo assim ficam só os dois realizando a tarefa proposta pelos professores de determinada matéria.

Sobre o planejamento, não sou autorizada a executá-lo. Ele é elaborado pelos professores e depois, sou orientada pelos professores a trabalhar as tarefas com o aluno (fala da Vera, tutora).

Vera antes de dar início como tutora do Bruno, era apenas Pedagoga especializada em Recursos Humanos (trabalhava na empresa do pai de Bruno), não tinha conhecimento sobre Asperger, com isso fez alguns cursos para a compreensão de tal transtorno, para assim dar início os processos de ensino aprendizagem de Bruno. Dessa maneira Vera continua sempre fazendo pesquisas para um melhor desenvolvimento do aluno, com auxílio da psicopedagoga que faz o trabalho com Bruno.

Com relação ao transtorno, conheço o necessário, para fazer a devida orientação do aluno (fala da Vera, tutora).

Para Vera todo esse conhecimento aprendido tem contribuído para com que ela trabalhe de forma prazerosa, e consiga de certa maneira passar todo o conteúdo ao aluno.

O conhecimento que tenho possibilita um trabalho prazeroso com o aluno, assim tendo um bom retorno em suas atividades (fala da Vera, Tutora).

Ficou claro que não basta apenas que a criança esteja em sala de aula para estar socializada, é necessário que os demais profissionais da escola juntamente com os professores fiquem atentos no sentido de mediar e ajudar a criança com autismo.

Muitos educadores acreditam que o maior desafio da inclusão de autistas na escola é conseguir reprimir certos comportamentos desapropriados como o que o Bruno faz; gritar, fazer birra. Porém é muito importante investigar o “porquê” ocorrem certos comportamentos, às vezes parece que não existe um motivo, mas na maioria existe sim um motivo, motivo esse que não condiz com nossa realidade, mas que nitidamente tem explicação no universo próprio de um autista.

6. CONCLUSÃO

Este estudo teve como enfoque analisar a inclusão da criança autista em uma escola regular de ensino.

Entendemos a necessidade de se averiguar a qualidade de ensino ofertada ao sujeito com síndrome de Asperger na procura de compreender suas particularidades e incentivar suas aptidões entendendo e admirando o autista como uma pessoa com varias sensações e que devem ser entendidas, apreciadas e estimuladas. Temos uma visão errônea acerca do autismo como algo fora da nossa realidade e este sujeito acaba por ser sentenciado ao isolamento em instituições especializadas.

No decorrer dos anos a inclusão foi se modificando mas é notável que ainda não a enxergamos adaptada ao cotidiano das instituições. Ainda com o avanço das políticas públicas, a organização das ações pedagógicas que proporcionaria continuidade dos alunos com autismo nas escolas regulares, não se faz evidente.

A escola tem o compromisso de facilitar um ambiente oportuno para o desenvolvimento da socialização deste aluno, visto que a estrutura educacional será o primeiro ambiente que a criança autista estará participando e interagindo, além do ambiente familiar que ela já convive.

É indispensável uma instrução adequada dos educadores para lidar e atender às necessidades educacionais do aluno autista. O educador deve estar constantemente “disposto” a procurar novos meios, conteúdos e metodologias para instruir de forma clara a criança.

No nosso entender, seria de relevância também, um estudo inicial com os responsáveis pela criança, pois apenas eles conseguiram fornecer informações essenciais sobre o aluno: do que adora fazer, do que menos gosta, ou seja, os costumes diários, e suas características.

Em seguida, as atividades devem contar com o acompanhamento de todos responsáveis pelo aluno, educadores, direção, coordenação e todos os indivíduos que, de alguma forma integram a desse aluno.

Bosa (2002) caracteriza o autismo como uma síndrome que desafia cada vez mais nosso conhecimento, pois ela nos dá acesso para compreendermos a nós mesmos e nosso desenvolvimento.

Para a sociedade fica a oportunidade de admitir e se oportunizar a viver com as diferenças humanas na semelhança de direitos, no respeito e no conhecimento.

Para que a inclusão de fato aconteça, é essencial que haja aprendizagem, e isso traz o dever de analisar os nossos princípios sobre currículo e projetos educacionais. Este não pode se abreviar às experiências acadêmicas, mas se estender para todas as experiências que beneficiem o desenvolvimento dos alunos autistas.

É indispensável que para a conquista do processo de inclusão de qualidade, alguma revisão no sistema educacional se faz fundamental e essas modificações teriam que iniciar pelas transformações estruturais (construção) e terminar nas práticas. Como: adequações curriculares, metodológicas e dos recursos tecnológicos, a racionalização do propósito do ensino e especialmente a instrução dos professores e mediadores, já que para proceder com alunos autistas é fundamental receber um treinamento primeiro sobre as particularidades da síndrome e dos projetos educacionais atuais para essa criança.

Como profissionais dedicados devemos intermediar o contato das crianças com aluno autista com as diversas atividades e situações comuns no ambiente escolar, para que ocorra um processo de socialização, Coordenar e estimular, por meio de falas e ações conjuntas, para esse aluno sentir interessado a realizar um com o outro em grupo: escrever, desenhar, fazer a fila, lanchar, brincar, ler um livro, etc., inserindo na realidade escolar.

Para certas escolas, o ato de atender o aluno com autismo e integrá-lo à sua instituição representa uma maneira de inclusão, quando a realidade não é assim.

Inclusão vai além de uma simples integração. Sugere uma mudança por completa na escola a fim de que o aluno com necessidades educacionais especiais possa ter condições de acesso e permanência num ambiente que respeite suas peculiaridades e favoreça seus processos de ensino e aprendizagem.

Emerge então, a necessidade de profissionais capazes e especializados para conduzirem os alunos com adversidades ou necessidades educacionais especiais. De que maneira estão sendo capacitados esses profissionais? De que forma os processos educacionais se organizam fim de que se faça executar a realidade de direito essa atual legislação?

Essas são algumas interrogações a serem pensadas e analisadas, a começar pelas leis com finalidade de afirmar um atendimento pedagógico oportuno aos alunos com autismo. As atividades pedagógicas nos expressam que é essencial constatar os avanços ou retrocessos que o aluno alcançou na aprendizagem; com intenção de que sejam feitas as devidas intervenções respeitando às necessidades de cada aluno.

Assim, é primordial que a equipe pedagógica execute uma estratégia individual de educação com especificações traçadas das verdadeiras situações e as capacidades que este aluno tem e as que se pretende obter.

Esta análise nos sinaliza que a inclusão ainda com seus obstáculos encontrados, é possível, e é significativa no desenvolvimento e construção de uma vida melhor e mais digna para os alunos com autismo bem como para todos os indivíduos que de alguma forma convivam diretamente ou indiretamente com esse aluno.

Compreendemos que a inclusão é um movimento a ser potencializado neste novo século. Mas para que aconteça é preciso compromisso com o ensino por parte do poder público. As escolas inclusivas, além de minimizarem as desigualdades, podem assegurar uma sociedade com práticas de respeito e solidariedade.

REFERÊNCIAS

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo**: a criança autista seus pais e a relação Terapêutica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ASSUMPÇÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo infantil**. Ver. Brás.

BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice; e colaboradores. **Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Rosita Edler. A nova LDB e a educação especial. Rio de Janeiro:

CID-10 – **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Organização Mundial da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. Desenvolvimento Psicológico e educação - **Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

COLL, Cesar, Palacios, J. e Marchesi, A. (org) **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Psicologia da Educação**. Vol.2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CUNHA, Nylse Helena Silva. Distúrbios do Comportamento. In CAMARGOS Jr., Walter (Org.) **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento**. 3º Milênio, p. 122-127. Brasília: CORDE, 2002.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1994.

NÓVOA, Antonio (Org). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 1995

Psiquiar, 2000. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3795.pdf>. Acesso em 14/10/2013.

SÃO PAULO, 2003. Tentativa de compreensão do autismo na infância

Schaffner, C. B. & Buswell, B. E. (1999). **Dez elementos críticos para a criação de comunidades de ensino inclusivo e eficaz**. Em S. Stainback & W. Stainback (Orgs.)

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: entenda o Autismo** / Ana Beatriz Barbosa Silva, Mayra Bonifácio Gaiato, Leandro Thadeu Reveles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WVA, 1997.

APENDICE A.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Autorizo Alinne Oliveira Costa, Milena Ananias Costa e Narjara Alves, que utilizem em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Os processos de ensino e aprendizagem da criança autista na escola comum: compreendendo realidades” e demais produções científicas de caráter educacional, de forma livre e gratuita, reproduções fotográficas, de áudio, vídeo e escrita, de minha pessoa _____, desde que resguardados o devido respeito e decoro para comigo e os materiais veiculados.

Assinatura

Serra, _____ de _____, de 2014

APENDICE B

Questionário aplicado à Tutora

1. Quais são as principais necessidades de Bruno na escola?
2. Como a escola tem contribuído para atender a essas necessidades?
3. Quais os progressos que Bruno teve, e de que forma a escola contribuiu para que isso acontecesse?
4. O que você espera da família de Bruno?
5. Como tem sido a relação dos pais e de Bruno com os demais pais e alunos?
6. Quais os desafios que você enfrenta ao desenvolver o trabalho junto a Bruno?
7. Como você organiza o planejamento da ação pedagógica e o currículo escolar com Bruno?
8. O que você conhece sobre a síndrome do autismo?
9. Em que esse conhecimento tem contribuído para o planejamento de suas ações junto ao menino?